revista Alterjor

ENTREVISTA

LUIZ MARANHÃO FILHO - UM ÍCONE DO RÁDIO BRASILEIRO

Pedro Serico Vaz Filho[1]

RESUMO: Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho é pernambucano, nascido na capital Recife, em 01 de janeiro de 1933. Do pai herdou o nome e a vocação profissional. Ambos com atuação na centenária Rádio Clube de Pernambuco. A emissora tem como data de fundação o dia 06 de abril de 1919. Foi na citada estação de rádio, que o pai, diretor de dramaturgia, contava com o filho para interpretar vozes infantis nos radiodramas que produzia. Os primeiros passos do então garoto, rumo à profissão, foram iniciados no ano de 1940, de onde a caminhada não mais parou. Tornou-se dramaturgo, jornalista, advogado, professor universitário, doutor em comunicação e autor de trinta livros. Sendo que a atividade de escritor prossegue, assim como o trabalho no cargo de presidente do Instituto Histórico de Olinda.

PALAVRAS-CHAVE: *Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho. Rádio Clube de Pernambuco. Radiodrama. Instituto Histórico de Olinda. Escola de Eletricidade do Recife.*

ABSTRACT: Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho, from Pernambuco, born in the capital Recife, on January 1, 1933, inherited his father's name. Radio broadcaster, with professional performance at Rádio Clube de Pernambuco. The radio station was founded on April 6, 1919. It was on this centenary radio station that the father, director of dramaturgy, counted on his son to interpret children's voices from the editions of radio soap operas and radio theaters he produced. The boy's first steps towards the profession he would follow from there on, began in 1940. From there, he never stopped. He also became a playwright, journalist, lawyer, university professor, doctor of communication and author of 30 books. Being that, the activity of writer continues, as well as the work in the position of president of the Historical Institute of Olinda.

KEYWORDS: *Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho. Radio Club of Pernambuco. Radiodrama. Olinda Historical Institute. Electricity School of Recife.*

---

[1] Pós-doutorando pelo CJE-ECA/USP; Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; Pós-graduado em Teoria e Técnicas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; e Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, pela FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado). Docente de Jornalismo, Radialismo e Publicidade e Propaganda na Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: pedrosericovazfilho@usp.br.

Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho. Na primeira foto, o registro do então jovem repórter, em 1949, na redação do jornal Diário de Pernambuco. Na segunda foto, setenta anos depois, o senhor presidente do Instituto Histórico de Olinda
(Foto 01, acervo de família. Foto 02, Pedro Vaz)

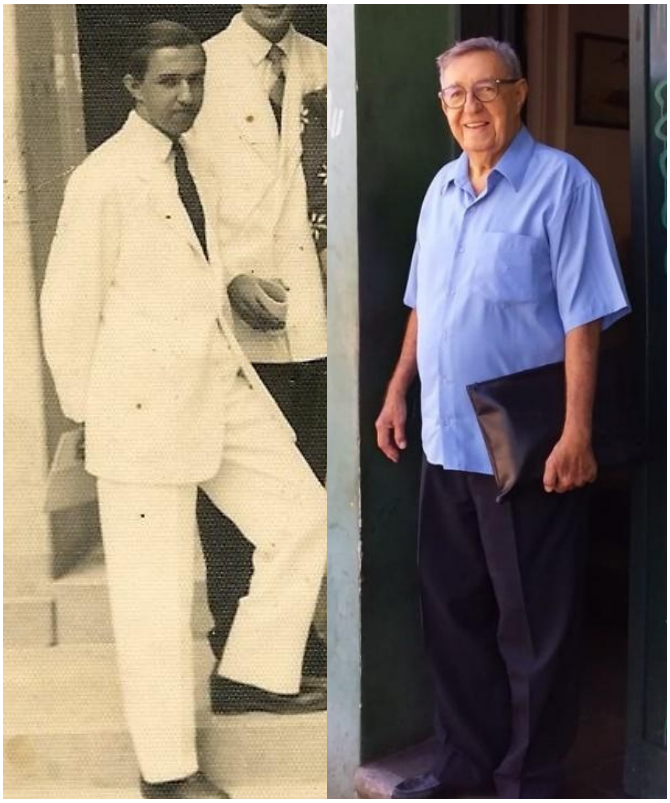
INTRODUÇÃO

O jeito de se expressar de Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho é tranquilo e sempre se mostra solicito. O tratamento dado a ele é pelo nome abreviado, Luiz Maranhão. Da ligação interurbana, de São Paulo, para Olinda, a voz que atende revela o sotaque pernambucano e muita sabedoria. O objetivo do telefonema é a solicitação da marcação de mais uma entrevista presencial com ele. Na pauta a trajetória profissional dele, que atuou na Rádio Clube de Pernambuco, a partir da segunda década da fundação da emissora, ocorrida em 06 de abril de 1919. A aceitação para conceder novos depoimentos é imediata, e com satisfação. Dessa forma surge a possibilidade para duas viagens: uma da capital paulistana para Olinda e a outra para a percorrer a trilha histórica, iniciada bem antes do nascimento dele. Aos 87 anos de idade, este autor de trinta livros, segue na produção como escritor e detentor de um blog (https://luizmaranhao.wordpress.com/). Ainda ao telefone, a impressão que causa ao interlocutor é a de estar ouvindo uma enciclopédia sonorizada. Claro que todas as palavras neste momento são aproveitadas, pois as declarações de Luiz Maranhão vão de fatos passados, mesclados aos do presente. Todas fluem com facilidade trazendo para a atualidade comparativos interessantes e revelações da vida radiofônica e cultural do Brasil. Em uma única visita não é possível colher todos os conteúdos do homem de um

metro e sessenta de altura, risonho, assertivo nas falas e demonstrador de disciplina e organização.

Os encontros presenciais com Luiz Maranhão, e os telefonemas a este simpático veterano das comunicações, ocorreram entre os anos de 2018, 2019 e início de 2020. Sempre com o objetivo do resgate histórico da vida dele e do rádio brasileiro. Na residência, ou bem próximo desta, no Instituto Histórico de Olinda, na região central da referida cidade, falas e documentos históricos brotam nas declarações, em formas de certificações mútuas. Maranhão é cuidadoso com os arquivos e memórias que guarda. Os cenários do cotidiano do escritor são inspiradores. Da sacada do apartamento onde vive, avista-se o mar olindense. Da porta do instituto que preside, sede de muitas reuniões, se vê boa parte da preservada Olinda, fundada em 1535. Sendo esta, a mais antiga cidade brasileira, declarada também, como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

O contato com Luiz Maranhão nestes ambientes, e sob atmosfera quinhentista, nos causa a impressão de que tudo é cultural na vida dele. Observador e rápido nas respostas, ele tem a rara capacidade de trazer para os tempos atuais acontecimentos do início do século XX. É como se estivesse falando de algo ocorrido ontem, além de demonstrar muita criatividade. Provável herança do pai, Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, que na década de 1930 desenvolveu projetos de dramaturgia radiofônica na Rádio Clube de Pernambuco. Foi assim, um importante influenciador do filho, principalmente a partir de 1940, quando levava o então garoto para interpretar na emissora vozes infantis, das produções que realizava. Das entrevistas com Luiz Maranhão, revelam-se aqui momentos que ultrapassam as mais de oito décadas de vida desse homem, incansável na defesa cultural, assim como das tradições e da importância do rádio brasileiro.



Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho, em dois momentos, aos 17 e aos 87 anos de idade
(Foto 01, do acervo de Luiz Maranhão Filho. Foto 02, Pedro Vaz)

ENTREVISTA

Pedro Serico Vaz Filho: Fale um pouco dos seus pais e das suas origens.

Luiz Maranhão: A minha família tem raízes na cidade de Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco). Das minhas origens, os Cavalcantis, eram vindos da Espanha e os Albuquerques, de Portugal. Pela família Maranhão, os meus avós eram primos, nascidos em Goiana (Pernambuco). Meu pai se chamava Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, nascido em 1899. Minha mãe, era Julieta Moreira de Mello, nascida em 1905. Ela era órfã e foi atriz amadora. Eles tiveram oito filhos, cinco homens e três mulheres. Sou o segundo, na ordem. Mesmo quando menor de idade, meu pai assinava artigos no jornal "A Província", em Recife, fazendo comentários sobre

a presença de companhias teatrais, em temporada na cidade, no Teatro do Parque. Quando atingiu a maioridade, recebeu um convite para trabalhar na Companhia Antônia De Negri, para ser secretário e viajar pelo sul do país. Ele então passou vinte anos entre Rio de Janeiro e São Paulo, excursionando também por todo o Brasil, inclusive para Pernambuco. Em São Paulo vivenciou o início do nosso cinema e chegou a atuar no filme "Gigi", de Viriato Correa. Depois integrou um grupo experimental de cinema mudo e dirigiu dois filmes do gênero, em um ciclo cinematográfico de Recife. Trabalhou ainda, nos anos vinte, na rádio Sociedade Educadora Paulista. Com o acontecimento da Revolução de Trinta, meu avô, Francisco Maranhão, que era promotor público, convenceu ele a ficar em Recife, onde ser associou ao Grupo Gente Nossa, no histórico Teatro de Santa Izabel.

Pedro Serico Vaz Filho: E como o seu pai ingressou na Rádio Clube de Pernambuco?

Luiz Maranhão: Com a permanência dele em Recife, depois das viagens teatrais pelo país, e pelos conhecimentos que teve, a partir de experiências artísticas, ele passou a ser mais conhecido e a ter um bom círculo de amizades e admiradores. A Rádio Clube de Pernambuco já existia desde 1919. Em 1923, ela foi restaurada, ou seja, modernizada pelo diretor, Oscar Moreira Pinto, que notava o talento artístico do meu pai. No ano de1931 o convidou para ser locutor da estação. Ali papai ficou até morrer aos 62 anos de idade, de infarto, enquanto ensaiava uma radionovela, no dia 06 de março de 1962. Meu pai foi um inovador criando o radioteatro na estação. Se mantinha atualizado e sempre em contato com os nomes importantes do rádio da época, como o diretor da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Victor Costa e também com o talentoso radioator Manoel Durães, da Rádio Record de São Paulo. Os três mantiveram boas trocas de experiências, no período do nascedouro dos teatros de rádio dos anos de 1930 no Brasil. Uma das ideias de destaque dele, que deu certo, foi a adaptação para o rádio, de romances de escritores locais. Nisso ele convenceu o historiador Mário Sette a ceder o texto da história "Senhora de Engenho". Na adaptação radiofônica o título ficou

"Sinhazinha Moça", com sete capítulos. O sucesso foi imenso e marcou o pioneirismo do radiodrama. Tanto que o cartunista e estudioso de história, Mauro Borja Lopes, o Borjalo, que foi um dos principais executivos da programação da Rede Globo, defendeu essa produção como sendo a primeira radionovela brasileira. Assim também defendeu a valsa intitulada Maria Betânia, do compositor Capiba, como a primeira trilha para esse gênero. Maria Betânia, a personagem principal da trama, inspirou na época o nome de muitas meninas que nasceram naquela década de 1940, inclusive a cantora baiana Maria Bethânia.

Luiz Maranhão, pai e filho. Os olhares sobre a arte e o rádio se cruzavam
(Imagens, do acervo de Luiz Maranhão Filho)

Pedro Serico Vaz Filho: Como foi o seu início profissional?

Luiz Maranhão: Meu pai vivia o rádio e o radiodrama. Éramos oito irmãos. Todos com passagens pelos microfones da Rádio Clube de Pernambuco. Mas fui o único a permanecer e seguir na carreira. Sempre que possível ele nos levava à rádio. Ali eu e meus irmãos chegamos a fazer interpretações de vozes infantis para os radiodramas que ele produzia. Ele nunca gostou de adulto fazendo voz de criança nas novelas e nas peças de teatro. Assim nós fazíamos, já a partir de 1940. Sempre com disciplina e levando tudo muito a sério. Lá se vão oitenta anos desde que iniciamos. Até 1948, a Rádio Clube

era a única emissora de Recife. Naquele ano, num determinado dia meu pai esperava chegar do Rio de Janeiro um roteiro, mas houve atraso na entrega e ele ficou muito preocupado, pois era para uma radionovela. Sem o texto, ele não queria realizar nenhum tipo de reprise. Foi quando entrei em cena novamente. Dessa vez como autor. Ele nem sabia, mas eu já escrevia contos policiais. Assim que ficou sabendo, quis ver meus manuscritos e pediu para datilografar. Resultado: a minha ficção acabou indo para o ar, em cinco capítulos, com o nome "Uma Família Sinistra". Naquele mesmo período passei a trabalhar regularmente também como radioator. Foi dessa forma que meu pai viu uma fase da rádio crescer, na década de 1930, assim como cresciam as demais emissoras do país. Período fértil aquele, de onde brotou a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em setembro de 1936, chegando já com total requinte e muita estrutura. Atraia artistas e radialistas de todos os lados. Teve décadas de sucesso.

Pedro Serico Vaz Filho: Fale mais da sua passagem pela Rádio Clube de Pernambuco.

Luiz Maranhão: A Rádio Clube já era estabelecida e foi inspiração para muitas outras estações. A potência era tanta que foi apelidada de "Canhão do Norte". Chegou a ter de duas e três orquestras. Uma delas era chamada de Grande Orquestra, com o comando do maestro Felipe Caparrós. Além da existência de orquestra de jazz e conjuntos de música. A outra famosa orquestra tinha a batuta do maestro Nelson Ferreira. Ele foi um grande compositor pernambucano que se imortalizou. É considerado um dos autores nordestinos que teve o maior número de composições gravadas. Era um sucesso atrás do outro. Para o carnaval de 1957, ele lançou a série de sete composições com o título "Evocação". A primeira, que posteriormente teve inúmeras gravações, tinha início com a letra dizendo "Felinto, Pedro Salgado, Guilherme, Fenelon, cadê teus blocos famosos...". Eram nomes de artistas que acendiam o carnaval pernambucano da década de vinte. Esses entre muitos outros eram personalidades que se cruzavam pela Rádio Clube. Fui testemunha. Em 1948, mesmo na rádio, passei a escrever para um pequeno jornal de Recife. No ano seguinte para o Diário de Pernambuco, já como repórter e

assumindo a coluna de crítica teatral. Eu tinha apenas 15 anos de idade. Três anos depois, em 1951, fui o primeiro funcionário da Rádio Tamandaré, inaugurada naquele ano. Em 1956, me mudei para a "Rádio Jornal do Commercio", "comércio", com dois "emes". Ela tinha sido inaugurada em 1948. Depois em 1959, segui para trabalhar na TV Itapoã, na Bahia, onde inaugurei a dramaturgia, escrevendo e dirigindo quatro novelas. Em 1963, me mudei para Campina Grande, para trabalhar na Rádio Borborema. Em 1964, época da Revolução, eu estava no Rio de Janeiro, trabalhando no Diário Carioca. E no ano de 1970 volto para Recife iniciando a carreira como professor da Universidade Federal de Pernambuco, ensinando radiojornalismo.

Pedro Serico Vaz Filho: E como foi a ampliação da sua vida acadêmica?

Luiz Maranhão: Como professor na Universidade Federal de Pernambuco atuei na direção de programação da TV Universitária e promovi cursos ao lado do professor José Mário Austregésilo. Depois tudo foi acontecendo numa sequência. Me formei em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda. Depois já segui com o mestrado em Direito Constitucional, pela Federal de Pernambuco, onde trabalhava. Na sequência resolvi fazer o doutorado na Escola de Comunicações e Artes da USP, com tema sobre rádio, televisão e cinema.

Pedro Serico Vaz Filho: Fale da sua vivência com o teatro.

Luiz Maranhão: A dramaturgia, como já relatado, era constante em casa. Sempre esteve presente com meus pais e consequentemente comigo e com meus irmãos e irmãs. Cheguei a montar um grupo com meu pai, que contava com a participação dos outros filhos e filhas. O nome da equipe era "Luiz Maranhão e Companhia". Em Recife tivemos montagens nos teatros Almares, Derbbi e Marrocos. Também escrevi teatro de revista para a Companhia Valença Filho, que teve encenações no teatro Santa Isabel. O

maior sucesso dessa fase foi com o espetáculo "O Buraco de Otília", que teve a direção do ator Lúcio Mauro. E assim os trabalhos com teatro foram paralelos com os demais em rádio e jornal. Em 1954 eu conquistei uma premiação com texto infantil sobre a peça "Na Corte do Rei Bolão". Era um projeto inserido na celebração do Quarto Centenário da cidade de São Paulo. Pelo Serviço Nacional do Teatro, do Ministério da Educação, fui premiado duas vezes. Uma com a peça "O capitão e o Cabra". O outro prêmio com o texto de "A Farsa do Bode Expiatório", que foi censurada depois com o Golpe Militar de 1964. Já tive peças também encenadas pela companhia do ator André Villon, no Rio de Janeiro e outras em Portugal e em colônias Africanas.

Pedro Serico Vaz Filho: Das suas inúmeras publicações em qual delas você destaca a sua família?

Luiz Maranhão: Em algumas publicações trago meu pai, um pioneiro presente onde estavam os pioneiros, no início do século XX. No livro "Hoje tem espetáculo" descrevo a origem dele, artista e radialista e da minha mãe, que foi atriz amadora. Acrescento a influência que eu e meus irmãos e irmãs recebemos deles. Depois sigo com os contos, sobre fatos verídicos. Fecho com o texto "Olha o Censor". Esse texto fala da censura nas artes, sofrida após a Revolução de 30, que foi marcante no Nordeste. O período era de ditadura implantada por Getúlio Vargas, apesar do disfarce dele de "Pai da Pátria" e amigo dos artistas. Mais tarde também passou a ser chamado de amigo dos radialistas.

Pedro Serico Vaz Filho: Fale mais dos seus livros.

Luiz Maranhão: Ao todo foram trinta livros publicados. Boa parte deles didáticos para os cursos de comunicação editados durante os trinta anos em que estive lecionando na Universidade Federal de Pernambuco e também na época de professor na Centro Universitário Maurício de Nassau. Também escrevi romances e pesquisas históricas,

como os livros “Raízes do Rádio” e “Falando de Rádio”. No primeiro apresento com destaque a trajetória da Rádio Clube de Pernambuco, com histórias diversas, fotografias da época, muitas memórias e depoimentos. Ele documenta bem a nossa origem radiofônica. No segundo, é falando de rádio mesmo, como as histórias das emissoras cariocas, Nacional, Mayrink Veiga e outras. Além dos livros escrevo e escrevi vários artigos para congressos e para jornais e para o meu blog.

Luiz Maranhão Filho na solenidade de recebimento do Prêmio Roquette-Pinto, em 1983 (foto 01) e Prêmio Luiz Beltrão, em 2011 (foto 02)
(Fotos do acervo de Luiz Maranhão Filho)

Pedro Serico Vaz Filho: Destaque algumas das premiações que você recebeu?

Luiz Maranhão: Foram várias e todas importantes. Entre elas tem o cobiçado Prêmio Roquette-Pinto. Este recebi em 1983, num evento promovido pela Academia Brasileira de Letras, pela autoria do livro “Memórias do Rádio”. Outra premiação que me deixou muito feliz foi o Prêmio Luiz Beltrão, no ano de 2011, na categoria “Maturidade Acadêmica”, promovido pela Intercom, que é a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Luiz Maranhão Filho, na sede do Instituto Histórico de Olinda (foto: Pedro Vaz)

Pedro Serico Vaz Filho: Como funciona o Instituto Histórico de Olinda?

Luiz Maranhão: É uma instituição de preservação do patrimônio histórico, não só de Olinda, mas de Pernambuco, com sede em um casarão histórico, na Avenida da Liberdade, 214, no bairro do Carmo, Olinda. Formamos um grupo de pessoas interessadas em manter as memórias e a valorização das ações pioneiras, para revelar às novas gerações. Realizamos debates, publicações e projeções. Neste espaço temos documentos, livros, quadros e boa vontade em receber quem nos procura para pesquisas e participação nessa missão.

Luiz Maranhão Filho (camisa azul), na sede do Instituto Histórico de Olinda, com integrantes da instituição (foto: Pedro Vaz)

Pedro *Serico Vaz Filho:* Qual é o próximo livro que pretende lançar?

Luiz Maranhão: O próximo é um romance que se passa na cidade de Tamandaré. O título é "Cair da Noite em Tamandaré", que é lindo demais. Traz referências da cidade e das pessoas que ali vivem, fala da paisagem, das lindas praias, coqueiros, da histórica igreja de São Benedito, fundada em 1910, na praia dos Carneiros. Ela fica bem em frente ao mar. Quando se abre a porta da igreja a imagem é belíssima. A calçada dela é a areia. Os originais já estão na gráfica. Depois tem ainda um artigo, que sai agora em 2020, para a revista "Marin dos Caetés", do Instituto Histórico de Olinda, sobre o próprio instituto.

Pedro Serico Vaz Filho: Qual é a defesa que você faz sobre o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco?

Luiz Maranhão: A defesa que faço é pela manutenção da história dela e que todos saibam, que mesmo de forma experimental e com poucos recursos técnicos, a Rádio

Clube de Pernambuco foi fundada no dia 06 de abril de 1919. Ignoraram muito esse fato, até em publicações importantes, mas isso é verídico e está documentado em estatutos e no extinto Jornal de Recife, que registrou esse acontecimento logo no dia seguinte. Essa foi a nossa luta durante algum tempo, mas agora reconhecem melhor a importância dela. A história da Rádio Clube sempre esteve em minha casa, primeiro pelo fato do meu pai ter trabalhado lá, assim como eu, e por tudo que testemunhei sobre as evoluções e mudanças que ela sofreu. Eu registro muito dessa história, e com documentação no meu livro "Raízes do Rádio". A Rádio Clube foi a primeira sociedade de rádio a existir no Brasil. E era uma atividade civil organizada legalmente. O bom é que isso foi noticiado na imprensa daquele período. Isso fortalece os nossos argumentos e a nossa verdade.

Pedro Serico Vaz Filho: Para fechar eu gostaria de reproduzir um dos trechos do seu livro "Hoje tem espetáculo", mencionado por você, que é o seguinte: "Para quem viveu anos no teatro, a coxia é uma espécie de extensão da casa da gente. Respirar o ar da cena desde a infância, pode parecer um privilégio, mas é na verdade, uma consequência. Para o leigo, coxia é uma palavra quase fora do dicionário. Mas não se trata de neologismo criado pelo autor. Espaço verdade aos olhos curiosos da plateia, e o território delimitado pelos cenários. Ou melhor dizendo, o que se situa atrás das tapadeiras, dos telões, dos ambientes erguidos para criar uma atmosfera artificial para a visão do público aglomerado nas cadeiras, frisas, camarotes e torrinhas das grandes casas de espetáculo. Viver o teatro desde criancinha é adormecer nos berços improvisados nos camarins dos artistas, enquanto estes exercem suas funções nos palcos, enquanto se processam os ensaios envolvendo pais e mães. É poder correr por corredores, subir e descer lances de escadas, enquanto os portões estão fechados. É compreender o significado das "Pancadas de Molière", acionadas pelos contra-regras, por três vezes intercaladas, alertando para o próximo início de récita." É isso mesmo Maranhão?

Luiz Maranhão: Sim. A mais pura verdade.

Os contatos com Luiz Maranhão Filho podem ser realizados pelo e-mail: luizmf1933@gmail.com O endereço do Instituto Histórico de Olinda, por ele presidido, fica na Avenida da Liberdade, 214, bairro do Carmo, em Olinda, Pernambuco. O blog dele pode ser acessado por este link: https://luizmaranhao.wordpress.com/.

REFERÊNCIAS

CADENA, Paulo Henrique Fontes. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.* Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 2013.

MARANHÃO, Filho Luiz. *Revista Marim dos Caetés*. Olinda: Instituto Histórico de Olinda, 2019.

_____. *Câmara de Compensação.* Olinda: Editorial Jangada, 2013.

_____. *Três contos de réis*. Olinda: Editorial Jangada, 2012.

_____. *Raízes do Rádio*. Olinda: Editorial Jangada, 2012.

_____. *Falando de Rádio*. Olinda: Editorial Jangada, 2010.

_____. *Rádio em todas as ondas.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

_____. *Memória do rádio.* Olinda: Editorial Jangada, 1991.

PHAELANTE, Renato. *Fragmentos da História do Rádio Clube de Pernambuco*. Recife: CEPE, 1998.

SANTANA, José B. Jorge. *O Rádio pernambucano por quem o viu crescer*. Recife: FacForm Gráfica: 2009.